

TENTATIVAS DE MITOLOGIA (1979), ESCRITA DE SI E MEMÓRIA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Tentativas de mitologia (1979), self-writing and
memory by Sérgio Buarque de Holanda

Tentativas de mitologia (1979), escritura de sí
y memoria de Sérgio Buarque de Holanda

RAPHAEL GUILHERME DE CARVALHO

<http://dx.doi.org/10.1590/S2178-14942017000300010>

Raphael Guilherme de Carvalho é mestre e doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com período sanduíche no Institut d'Histoire du Temps Présent (ITPH, Paris, França) e pós-doutorando no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) (raphaelguilherme83@gmail.com).

Este artigo teve apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na forma de bolsa de doutorado, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na forma de bolsa de doutorado sanduíche. Este texto se originou da tese de doutorado do autor cujo título é *Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: escrita de si e memória (1969-1986)*.

Artigo recebido em 31 de maio e aprovado para publicação em 30 de agosto de 2017.

RESUMO

Este artigo tem por propósito situar *Tentativas de Mitologia* (1979), último livro publicado em vida por Sérgio Buarque de Holanda, como peça central de uma escrita de si do autor, espécie de autobiografia intelectual. Antologia de antigos textos de crítica historiográfica e literária, introduzida por um ensaio autocompreensivo, *Tentativas de Mitologia* lhe valeu a consagração da trajetória com importantes premiações em 1980. Considero, em favor de tal interpretação, além da instância prefacial, o teor da seleta, a unidade do volume e os sentidos impressos na recepção e premiação do livro, visto entre rememoração e comemoração de toda uma obra.

PALAVRAS-CHAVE: Sérgio Buarque de Holanda; *Tentativas de Mitologia*; escrita de si; memória; autobiografia intelectual.

ABSTRACT

This article is intended to situate *Tentativas de Mitologia* (1979) by Sérgio Buarque de Holanda as a central piece in the author's self-writing, a kind of intellectual autobiography. An anthology of old texts of literary and historiographic criticism, introduced by a self-understanding essay, *Tentativas de Mitologia* brought the author the recognition of his trajectory with important awards in 1980. To ensure this interpretation, I take into consideration, besides the preface, the content of the anthology, the unity of the volume and the meanings inscribed in the reception and the awards given to the book, which is seen as a remembrance and celebration of an entire work collection.

KEY-WORDS: Sérgio Buarque de Holanda; *Tentativas de Mitologia*; self-writing; memory; intellectual autobiography.

RESUMEN

El presente artículo tiene como propósito ubicar *Tentativas de Mitologia* (1979), último libro de Sergio Buarque de Holanda publicado en vida, como pieza central de una escritura de sí en su obra, considerándola una autobiografía intelectual. Antología de textos de crítica historiográfica y literaria, y siendo introducida por un ensayo de auto-comprensión, *Tentativas de Mitologia* representa su consagración. Para apoyar esta interpretación se considerará, no sólo la instancia prefacial, sino también la unidad del volumen y los sentidos contenidos en la recepción y la premiación del libro, comprendido entre la rememoración y la conmemoración de toda una trayectoria.

PALABRAS CLAVE: Sergio Buarque de Holanda; *Tentativas de Mitologia*; escritura de sí; memoria; auto-biografía intelectual.

“Fios que se haviam entrelaçado em meu desenvolvimento começaram a se afastar, interesses adquiridos num segundo momento retrocederam, e outros, mais antigos e originais, novamente se impuseram.”

S. FREUD, *AUTOBIOGRAFIA*

INTRODUÇÃO

Se autobiografia e memórias constituem formas de escrita do eu muito próximas e intercambiáveis, tanto mais complicada é a tarefa de definição quando se trata das *Tentativas de Mitologia* (1979) de Sérgio Buarque de Holanda: antologia de textos de crítica historiográfica e de crítica e história literárias dos anos 1940 e 1950, reunida sob o critério da polemicidade, e precedida de um ensaio autobiográfico que recebe como título “Apresentação”. Não se trata, efetivamente, de uma simples e desinteressada seleção de textos. Também não é autoevidente que a antologia represente, em sua unidade, uma forma de autobiografia intelectual.

Em favor de tal posição sobre *Tentativas de Mitologia* (doravante *TM*), livro em si pouco apreciado, é que se encaminhará, neste artigo, o argumento e sua discussão. Estudaremos, então, como Buarque de Holanda em *TM* estabilizava uma “identidade narrativa”, ele mesmo *mis en intrigue* – a escrita de si como “arte de compor artisticamente um tecido denso com os fios dos acontecimentos” (Ricœur, 1985: 344).¹

Considerada a crise dos grandes paradigmas explicativos, era tempo de “retorno do sujeito” nas ciências humanas e na literatura, de intensa produção e circulação de autobiografias e memórias. Na França, Pierre Nora examinava, desde os anos 1970, nos seminários da “École” (EHESS), a evolução de uma “nova consciência historiográfica”, manifesta nos *Essais d’ego-histoire* (1987), projeto este que se intitulava de início “auto-história” (Dosse, 2011: 309).² Na América Latina e no Brasil, quando se colocava com força a questão democrática

¹ A reflexão é originária de minha tese de doutorado: cf. Carvalho, 2017.

² Jeremy Popkin (2005), a partir de denso estudo sobre autobiografias de historiadores, também considera um movimento presente de democratização da ego-história. O próprio Nora, recentemente, produziu uma espécie de autobiografia, que podemos qualificar intelectual, com base nos textos de intervenção ao longo de sua trajetória: *Historien Public* (Nora, 2011).

(Napolitano, 2014: 240), obtinha êxito editorial a literatura de caráter confessional ou testamentário (Franco, 2003). Diana Klinger assinala a importância das escritas de si nesse período, como testemunho de uma geração que sustentou projetos de mudança (Klinger, 2007: 25). Jean-Louis Jeannelle estuda a atual renovação do gênero memórias entre as escritas de si. Diante da resignificação do tempo presente, sua ambição historiográfica – justamente com Nora – marcou a renovação do gênero, eclipsado desde a disciplinarização da história até os anos 1970 com o protagonismo da autobiografia entre as escritas de si (Jeannelle, 2008: 13). As narrativas memoriais, consideradas então como literatura do eu em sua condição histórica, também sugerem, a partir das experiências particulares do tempo, determinados sentidos para a memória coletiva (Jeannelle, 2008: 392).³

É praticamente certo, entretanto, que a escrita de si de Buarque de Holanda, apesar de ser contemporânea da onda memorial e, inclusive, de fornecer amparo e sentido para um novo projeto, o da redemocratização, pode também ser vista sob um enfoque mais preciso. Se há um projeto democrático implícito, como logo mais estudaremos, há que se considerar o fato de que ocorriam, com a crítica ideológica na história da historiografia de 1970, sobretudo em Carlos Guilherme Mota (1977), os primeiros sinais mais veementes de questionamento de sua autoridade intelectual.⁴ Por esse viés, *TM* serviria, então, de reforço da identidade intelectual – diante da ameaça do outro, diria Ricœur (2000: 99).

Os elementos teóricos mobilizados nesta introdução, embora pertinentes, são ainda insuficientes para, por si só, caracterizar *TM*, diante de sua estrutura peculiar. Somente uma incursão no livro mesmo é que poderá nos dizer de suas particularidades.

ENSAIO DE AUTOCOMPREENSÃO: SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, POR SI MESMO

Elemento considerável para a boa compreensão de *TM* é que Buarque de Holanda, a despeito de todo o esforço de afirmação de uma “identidade de historiador” (Falcon, 1996:

³ Chiantaretto (2006: 352), psicanalista, entende que a noção de “escrita de si”, terminologia proposta inicialmente por Michel Foucault (1983), supera o artificialismo das distinções entre autobiografia e memórias, dados os intercâmbios frequentes entre eles, que se estendem para outros suportes e modelos narrativos. Entre nós, ver o prólogo de *Escrita de si, escrita da história*, de Angela de Castro Gomes (2004).

⁴ Houve, nos anos 1970, intensa polêmica envolvendo Mota (1972, [1977] 2010) e Buarque de Holanda ([1973], 2011) sobre história e linguagem, como já se estudou (Monteiro, 1999). A contenda, todavia, ocorreu em meio a um debate historiográfico mais amplo, cujo critério central, naquela década, era a “crítica ideológica”, especialmente dirigida à tradição do ensaísmo histórico de 1930 (Carvalho, 2017: 189-226).

13),⁵ não escreve a obra como tal. Ainda que em outras ocasiões procurasse ganhar distância da identificação imediata como o *ensaísta* de *Raízes do Brasil*, escolheu em *TM* a forma do ensaio (sinônimo, aliás, de tentativa) para narrar a si mesmo, o que contribuiu para assinalar a singularidade de seu percurso intelectual, menos dependente unicamente da instituição universitária.

Nenhum despropósito em tal escolha, portanto. Michel de Montaigne, considerado inventor do gênero, já prevenia os leitores de que era *ele mesmo* a matéria dos *Essais* (Montaigne, 2009: 9). O ensaio, exercício de autocompreensão, na acepção de Starobinski, é a forma autobiográfica por excelência. Entre memória e literatura, ele favorece a vazão da subjetividade (Starobinski, 2007: 174). Sem retomar exaustivamente as definições do gênero, importa ao menos um breve aparte sobre ele no Brasil, já considerado como “o traço mais característico e original de nosso pensamento” (Candido, 1965: 157). Ultimamente, Fernando Nicolazzi tratou da importância dessa tradição ensaística, que atingiu seu apogeu na década de 1930, no momento mesmo de “reorganização das fronteiras disciplinares [...] diante da primazia da Literatura como modalidade fundamental de representação da cultura nacional” (Nicolazzi, 2011: 385).

Portanto, um ensaio de autocompreensão – refiro-me à instância prefacial de *TM* –, quando era esse um estilo visto sob forte desconfiança pela nascente história da historiografia, talvez manifeste a própria memória das raízes modernistas da trajetória e da obra de quem se fez historiador entre a militância modernista e a universidade, passando pelo ensaio histórico, a crítica literária e instituições culturais (Wegner, 2008). Assim, não casualmente, o artigo que encerra o volume é “Depois da Semana” (1952), originalmente concebido para o aniversário de 30 anos da Semana de Arte Moderna (1922). Em linhas gerais, esse texto se situa entre o testemunho e o esforço de historicização, contra a tendência à homogeneização da história do movimento modernista.

TM, o título, intriga e requer uma mínima abordagem. Buarque de Holanda já se havia utilizado de título semelhante em um artigo de crítica historiográfica publicado no *Diário Carioca* em 1952, fruto de um debate que entretivera com o historiador português seu amigo Jaime Cortesão sobre o “mito geopolítico da Ilha Brasil”. Agora, em 1979, o título era reconvocado a cobrir todos os demais debates e polêmicas:

O título do artigo de minha autoria que serviu de ponto de partida para toda a série – *Tentativa de Mitologia* – prestava-se, posta no plural, a designar uma coletânea de artigos onde prevalecem os de cunho polêmico, e minha pouca imaginação, somada à opinião de que seria feliz um título semelhante, não deixaram procurar outro melhor para o presente volume (Holanda, 1979: 8).

⁵Tal identidade se constitui a partir da interação de dois polos: a autoconsciência, isto é, a intenção de produzir trabalhos históricos, e, entre a comunidade de interesse, o reconhecimento dos cânones da disciplina (Falcon, 1996: 13).

Já a série de três artigos originais foi compilada em um só, rebatizado “Um mito geopolítico: a Ilha Brasil”, sobre uma pressuposta aspiração portuguesa de impor ao continente americano uma “unidade geográfica e cultural”, ideia que teria inspirado toda a expansão colonial.

Foi dessa capacidade de certas aspirações de fundo irracional que tantos teóricos e demagogos de nossos dias puderam, notoriamente, deduzir a importância do mito na vida dos povos. Pois o mito é o meio mais fecundo de se submeterem as gentes a uma dieta rigorosa, que encaminha os seus intentos e as suas vontades a certos fins magníficos, embora só obscuramente respeitados. E, por outro lado, no momento em que se racionalizam as confusas aspirações é quando, justamente, costumam repontar certas razões contrárias, hesitações, ponderações amolecedoras de toda vontade e disciplina (Holanda, 1979: 72).

A discussão teve início a propósito do lançamento da coleção de documentos históricos *De Angelis*, da seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a qual Cortesão introduziu. Para Buarque de Holanda, porém, a “Ilha Brasil” figurava tão somente como hipótese “deleitosa para as imaginações, mas de escasso préstimo para o conhecimento do passado” (Holanda, 1979: 84). Ele próprio, desde *Monções* (1945), entendia que a expansão para Oeste tinha, antes, suas razões práticas. O historiador português havia, então, caído na tentação de “uma espécie de retrospectiva apologética” (Holanda, 1979: 84).

Talvez seja exagerado considerar o livro como “automitologização”, principalmente se comparado à *invenção* de si por Gilberto Freyre na edição de seus diários de juventude (Freyre, 1975; ver, a respeito, Pallares-Burke, 2005: 24-26). A forma peculiar de coleta das memórias em *TM* parece se alinhar ao que Roland Barthes definia já nos anos 1950 como “mito de esquerda”. À diferença do substancialismo implicado no “mito burguês”, o mito à esquerda seria justamente a integração à história, palavra viva, ligada à ação efetiva sobre o real – palavra que, por essas razões, permanecia politizada (Barthes, 1957: 256-260). Mais segura e produtiva, portanto, é a percepção de que Buarque de Holanda procura se situar em seu(s) tempo(s), entremeado a momentos e movimentos fundamentais da vida cultural e intelectual brasileira do século XX.

A instância prefacial apresenta o livro, alguns de seus critérios de seleção e demais justificativas e detalhes. Sobremaneira, apresenta o autor, suas memórias e pontos de vista em alguns dos debates em que se engajou.⁶ Buarque de Holanda não realizou um retrato “essencialista”, mas uma narrativa de auto-historicização. Vale remontar à identidade nar-

⁶ Gérard Genette (1987: 250) classificaria essa “Apresentação” como um “prefácio pré-póstumo”, de caráter testamentário.

rativa discutida por Ricœur desde a parte final de *Temps et récit*, coroamento, no plano da consciência de si, do entrecruzamento da história e da ficção: a vida, ela mesma, um tecido de histórias narradas. Entre identidade e alteridade, os sujeitos, segundo o autor, se reconhecem a si mesmos de forma mediada, seja pela narrativa, capaz de incluir a mudança na unidade de uma vida, seja pelo diálogo com a diferença. Dito de modo diverso, privilegia-se o si mesmo *através* do outro (Ricœur, 1985: 355-357).⁷

Alguns temas sobressaem como balizadores da rememoração da trajetória intelectual do historiador por ele mesmo em *TM: o modernismo, Raízes do Brasil* e o ofício de historiador. Sobretudo as memórias do “jovem Buarque de Holanda” – que viveu o *frenesi* modernista e entre 1929 e 1931 esteve na Alemanha, onde ressalta ter formado boa parte de sua concepção histórica – é que são revividas, orquestradas, no presente, pela (auto)consagração como historiador.

As discussões com aquele que se pretendia o prócer do movimento modernista, Graça Aranha, a propósito da revista *Estética* (1923-1924), dirigida por Prudente de Moraes Neto e Buarque de Holanda, teriam sido propulsoras de uma primeira crise que o levaria a buscar outras paisagens intelectuais.

A crise que quisemos evitar, poderia surgir a um momento qualquer e surgiu antes mesmo da extinção de *Estética*, a nossa revista, para a qual Graça, por iniciativa própria, se propôs a fazer, e com efeito fez, o artigo de apresentação, o que aceitamos de bom grado, além de sugerir-nos o nome que teria, com o qual concordamos sem entusiasmo e à falta de melhor alvitre. Devo dizer que nessa crise [...] eu próprio já me desinteressara bastante das questões de literatura, e pensava em escrever um livro para o qual tinha até nome pronto: deveria chamar-se *Teoria da América* conforme comuniquei então a Prudente, meu comparsa constante em todos os prélios intelectuais, onde ultimamente me vinha envolvendo [...] (Holanda, 1979: 29).

O historiador se empenha então em delimitar um novo começo a partir da viagem para a Alemanha, cinco anos depois do encerramento das atividades em torno de *Estética*. Conta que, farto de leituras, chegou a distribuir sua biblioteca entre os amigos antes de partir, “sobretudo os [livros] de literatura”. O período no estrangeiro, pela experiência cultural do deslocamento, parecia a oportunidade adequada para a “revisão de ideias velhas” (Holanda, 1979: 29). Apesar disso, o Buarque de Holanda que agora revisitava seu passado lamentava

⁷ O filósofo também escreveu uma autobiografia intelectual como prefácio a uma antologia de artigos. Vejamos sua definição de autobiografia: “uma história de vida, seletiva e determinada pelo ponto de vista retrospectivo do ato de escrita”, caracterizada pela “ausência de distância entre o personagem principal, que é si mesmo, e o narrador que escreve em primeira pessoa do singular” (Ricœur, 1995: 11).

que parte daquela experiência tivesse resultado em equívocos. Se, de um lado, o deslocamento contribuiu para a formação de um olhar diverso sobre as coisas do Brasil, de outro, as leituras alemãs daquele tempo não mais lhe agradavam.

Recomecei a ler, e recomecei mal, enfronhando-me agora em filosofias místicas e irracionistas (Klages, etc.), que iam pululando naqueles últimos anos da República de Weimar e já às vésperas da ascensão de Hitler.[...] Foi só depois de conhecer as obras de críticos ligados ao círculo de Stefan George, especialmente de um deles, Ernst Kantorowicz, autor de um livro sobre Frederico II (*Hohenstaufen*) que, através de Sombart, pude afinal “descobrir” Max Weber, de quem ainda guardo as obras então adquiridas (Holanda, 1979: 30).

A revisitação de sua temporada alemã até *Raízes do Brasil* é sem dúvida um dos pontos mais sensíveis da narrativa de si em *TM*, período por ele mesmo e pela fortuna crítica mais evocado que, até pouco tempo, propriamente conhecido.⁸ Boa parte dessa memória da formação inicial nos estudos históricos estava atrelada às explicações da gestação de *Raízes do Brasil*, integrantes da autocrítica de Buarque de Holanda ao seu livro de estreia. Aqui, embora não incorra diretamente o autor sobre tal autocrítica, temos uma explanação dos caminhos e desvios de seu projeto inicial, que desaguou no ensaio de 1936.

Os livros de Weber e um pouco as lições de Meinecke, em Berlim, indicando-me novos caminhos, deixarão sua marca na minha Teoria da América. Quando voltei ao Brasil em 1931 trazia um calhamaço de suas 400 páginas. Dele tirei o essencial para um estudo histórico [*Corpo e Alma do Brasil*, 1935] encomendado por Claudio Ganns para uma luxuosa revista nova. Aceitaram-no apesar de sua extensão, e ainda o acrescentaram de muitas ilustrações. [...] Quando alguns anos depois saiu o meu livro, com quase dois capítulos tomados a esse artigo (todo o restante foi redigido de novo sem nada que lembrasse a antiga “Teoria”), já se chamava *Raízes do Brasil*, nome que ainda conserva hoje, na sua 12ª edição (Holanda, 1979: 30).

Era um tempo, a primeira metade do século XX, dizia Buarque de Holanda, em que os intelectuais se viam estimulados a possuir “certa versatilidade” no trato das letras, tendência que via agora desaparecer “com a crescente complexidade das diferentes disciplinas” (Holanda, 1979: 31). Daí o crítico, entre os anos de 1940 e 1950, direcionar as análises dos trabalhos que se situavam dentro de seu “círculo de interesses e até de ocupações, relacionado

⁸ A propósito, buscando romper com tal situação, Sérgio da Mata (2016) estudou, nos textos de jornal de 1920 até *Raízes do Brasil*, algumas leituras e apropriações da constelação de autores conservadores pelo jovem Buarque de Holanda quando de sua passagem pela República de Weimar. Pioneiro na matéria, Kennedy Eugênio (2011) analisou o organicismo e o vitalismo nas filigranas do ensaio de 1936, assuntos do *mea culpa* encontrado em *TM*.

principalmente com os estudos históricos” (Holanda, 1979: 14). O salto qualitativo para o disciplinamento como historiador, em termos de método e escrita, teria sido impulsionado a partir do trabalho como assistente de Henri Hauser (1866-1946), professor da “missão francesa” na Universidade do Distrito Federal (UDF).

Esse convívio, somado às obrigações que me competiam, de assistente junto à cadeira de História Moderna e Econômica, sob a responsabilidade de Hauser, me haviam forçado a melhor arrumar, ampliando-os consideravelmente, meus conhecimentos nesse setor, e a tentar aplicar os critérios aprendidos ao campo de estudos brasileiros, a que sempre me havia devotado, ainda que com uma curiosidade dispersa e mal educada (Holanda, 1979: 31).

Tendo procurado estender o disciplinamento para outras atividades, como a crítica literária, também aí Buarque de Holanda buscou aprimorar seus conhecimentos, e sobremaneira suas formas de expressão escrita. Não considerava seus dotes de escritor nenhuma “dádiva milagrosa”, e sim uma “conquista gradual”, de modo que o incomodava passar os olhos sobre antigos ensaios e topar com algumas obscuridades. A preocupação com a depuração da linguagem vinha daqueles “tempos heroicos do modernismo” e atravessava sua obra de historiador, contribuindo no sentido de “eliminar o adorno inútil, a exuberância, a redundância distraída, tudo enfim, quanto parece inessencial na comunicação” (Holanda, 1979: 20).

Parecia importante que Buarque de Holanda retomasse essas reflexões, reafirmando seu estilo pessoal, no tempo em que se ambicionou atingir uma linguagem científica na escrita da história, sobre o que já em 1973 havia se manifestado criticamente, em meio à contenda com Mota: “História não é gênero literário. Contribui, entretanto, [a boa escrita] para se espessar e melhor transmitir a complexidade do real” (Holanda, 2011: 433). Atentemos, no excerto abaixo, à proximidade entre a sua concepção de escrita da história, o recurso à memória disciplinar e a definição normativa da identidade de historiador.

Deve-se ainda ao mesmo Febvre a observação, que outro autor de sua linhagem pôde resumir concisamente, ao afirmar que o perfeito historiador precisa ser um grande escritor: “le parfait historien doit être un grand écrivain”. [...] Devendo lidar largamente com fenômenos particulares, para revivê-los em suas pulsações e em sua espessura, a fim de que se integrem em quadros amplos, onde ganhem nova dimensão e significado mais alto, precisa o historiador valer-se de recursos de expressão que não sejam os de mero relatório ou o de uma exposição científica. Se não for assim, jamais alcançará o estatuto de historiador (Holanda, 1979: 31).

Essas passagens revisitadas harmonizam as implicações recíprocas das experiências de crítico e de historiador, expressas da seguinte maneira. “Quanto a mim, julgo que o exercício

da crítica, mesmo que a não aperfeiçoasse, não transtornou a *minha vocação principal, de historiador*. Inclino-me à suposição de que ela me foi ao cabo proveitosa, embora não seja eu o melhor juiz para dizê-lo” (Holanda, 1979: 32, grifo meu). Tal identificação significa, sem hesitação, a culminância da trajetória rememorada, a (auto)consagração como historiador de ofício. Este, o próprio sentido sugerido para a interpretação de sua trajetória intelectual. Mesmo quando assinala o entrecruzamento das duas linhas principais de sua trajetória, de crítico e de historiador, vemos o crítico reafirmado como *o outro lado*, beneficiário do “convívio com os estudos históricos”, que o inclinavam, afinal, para uma postura compreensiva (Holanda, 1979: 32).

ENTRE O SI MESMO E OS OUTROS: A CRÍTICA HISTORIOGRÁFICA NA ANTOLOGIA

Também devemos considerar, para melhor situar o livro como uma forma de autobiografia intelectual, a própria composição da antologia. Vejamos, antes, dois momentos em que Buarque de Holanda comentou brevemente a motivação para organizar coletâneas de artigos. O primeiro foi em 1977, no prefácio do livro de Suely Robles de Queiroz, *Escravidão negra em São Paulo* (1977), em que relembrou suas antigas avaliações dos estudos africanistas que se faziam na década de 1940 no Brasil: “reuni com algumas outras [críticas] em volume [refere-se a *Cobra de Vidro* (1944, 1978)], na esperança de insuflar-lhes vida menos efêmera do que na imprensa diária onde primeiramente saíram” (Holanda, 1996: 301). O segundo, na recepção do prêmio de “Intelectual do Ano” de 1979: “Meus últimos livros impressos, a começar por *TM*, que, segundo ouço dizer, deu lugar ao prêmio, são velhas criaturas vestidas de roupa nova” (Holanda, 1980: 4). Que nova roupagem, essa, senão o investimento memorial que o livro em si perfaz? Buarque de Holanda confere outro testemunho disso ao explicar, em *TM*, o teor mesmo da seleta, que bem se acomoda à orientação da narrativa de si.

Ultimamente, ao reunir os recortes que tenho guardados, desses artigos, para eventual republicação, verifiquei que boa parte deles versa, apesar de tudo, sobre história e estudos brasileiros. [...] aceitei a incumbência de fazê-los, movido por necessidades mais imperiosas que minha vontade ou vocação [...] (Holanda, 1979: 15).

Será importante assinalar, assim, a maneira como Buarque de Holanda, ao procurar “desmitologizar” os trabalhos de outrem, se impunha nos debates, palavra autorizada pela metódica pesquisa das fontes, verdadeira “ossatura da história” (Holanda, 1979: 62). Boa parte dos textos críticos selecionados para a antologia denotam seus esforços passados em

direção à história disciplinar. A revisitação da crítica historiográfica possuía também, em primeiro plano, inegável angulação política, conforme o seguinte excerto da “Apresentação”:

Tendo sido discípulo de Alberto Torres, [Oliveira Vianna] partilhava com o pensador fluminense de um pronunciado pendor para os regimes políticos autoritários ou destituídos de base popular. Acabará aplaudindo até mesmo o golpe de Estado de 1937, que não tinha cabida nas previsões do mestre, além de identificar-se de corpo e alma com todo o sistema então instaurado, que dele recebera colaboração solícita e prestigiosa. Depois dos acontecimentos de nossa história mais recente, quando o poder arbitrário de um Estado policial-militar ganhou adeptos justamente entre muitos dos que outrora condenaram o longo consulado getuliano [Gilberto Freyre, leia-se], apelando para razões éticas ou jurídicas, já não há muito sentido naqueles debates de acentuado sabor maniqueísta, que costumavam proliferar, já há trinta e quarenta anos, sobre tal período da vida nacional (Holanda, 1979: 11).

Maria Stella Bresciani (2005) e Angela de Castro Gomes (2010) sublinharam diversas convergências entre os argumentos de Vianna e Buarque de Holanda elaborados no “clima de opinião” das décadas de 1920 e 1930, o que torna mais compreensível a inquietação tardia do historiador, no contexto agora de novo fechamento político e de crítica ideológica na historiografia. Para Bresciani, a historiografia brasileira na década de 1930 teria por base um poderoso lugar-comum: o “fundo mitológico constitutivo de toda e qualquer construção de identidade nacional” (Bresciani, 2005: 16). Lembremos que o próprio Buarque de Holanda, em conferência na Escola Superior de Guerra (ESG), ao fazer a auto-crítica de *Raízes do Brasil*, indagou-se a respeito: “Apenas me pergunto se os argumentos a que recorri para combater essa atração [pelas ditaduras] não pertencem rigorosamente à mesma seara onde outros, na mesma época, foram recolher seus motivos para enaltecê-la” (Holanda, 2008: 619). Castro Gomes, a seu turno, não deixa de notar que a oposição entre Buarque de Holanda e Oliveira Vianna fora construída no tempo, e que para tal concorreram as próprias *TM*. Ora, concepção cultural orgânica e o autoritarismo político de Vianna foram impugnados no artigo “Cultura & Política” (1950), o primeiro de *TM*: “o artigo possibilita que seus leitores do fim dos anos 1970 tomem contato com as lembranças de Sérgio, nesse momento o mais aclamado historiador brasileiro, sobre o ‘esquecido e execrado’ Oliveira Vianna” (Gomes, 2010: 292).

Quanto a Freyre, em algumas oportunidades Buarque de Holanda repetiu que o autor de *Casa-grande & Senzala* gozava de uma distorcida imagem de revolucionário (Coelho, 1976: 6). Era, certamente, um entre os “adeptos [do ‘Estado policial-militar’] que outrora condenaram o longo consulado getuliano” (Holanda, 1979: 11). Buarque de Holanda reprova o arcabouço orgânico do projeto maior de Freyre de dar conta do “nascimento, maturidade e morte

da sociedade patriarcal”, e a forma ensaística que conciliava “ásperas contradições” em um “todo harmônico”. A reserva mais precípua, nesse sentido, e que perpassa todos os quatro artigos de crítica reunidos, referia-se ao “impressionismo” do autor pernambucano, expressão segundo Buarque de Holanda “das mais aptas para descrever seu método de historiador” (Holanda, 1979: 113), que servia, no fim das contas, para embalar o “sentido francamente apologético da obra colonizadora de Portugal” (Holanda, 1979: 113).

Nessas investidas contra Freyre temos, portanto, uma remissão à memória dos decênios de 1940 e 1950, em que Buarque de Holanda se fazia historiador de ofício. As sérias discriminações entre ambos eram fundamentais de serem rememoradas pelo historiador nos anos 1970, quando se fazia com frequência aproximar, no embalo da mesma crítica, as contribuições de Freyre e Buarque de Holanda, “intérpretes do Brasil”.

Encontramos ainda em *TM* o outro da amizade, de seus próximos. O artigo “Vária História” (1951) é expressivo do processo de amadurecimento e profissionalização do pensamento histórico buarqueano. O artigo comenta trabalho homônimo de José Honório Rodrigues, a quem Buarque de Holanda considera pioneiro no Brasil em matéria de teoria e metodologia da história (Holanda, 1979: 206). A proximidade intelectual mais notável, entretanto, é a de Antonio Candido, a quem Buarque de Holanda dedica o ensaio “Gosto Arcádico” (1956). Esse texto estuda o “imperativo patriótico” que representou a “insurreição contra a linguagem alambicada e retorcida da era barroca” na literatura colonial da região das Minas (Holanda, 1979: 241). Thiago Nicodemo notou que entre o original e a segunda versão do ensaio, para a antologia de 1979, Buarque de Holanda inseriu referências explícitas à *Formação da Literatura Brasileira* (1956), de Candido, em reconhecimento à convergência de suas contribuições em matéria de história literária. Desde os anos 1940 foram ambos protagonistas, no processo de modernização da vida intelectual e cultural brasileira, das mediações entre o ensaísmo e a universidade (Nicodemo, 2014: 480).

Em suma, pelas razões até aqui expostas é que entendo que em *TM* Buarque de Holanda prima pela historicização de si mesmo em relação ao *outro*, o eu imerso na história. Das polêmicas revividas, o que emerge é o seu ponto de vista, enquanto sujeito implicado em momentos da história intelectual brasileira no século XX. A intersubjetividade favorecia a apreensão, ou a construção, de uma identidade em movimento e aberta ao devir, constituída de facetas diversas que convergiam na (auto)consagração como historiador, e dialógica, desde o contorno do(s) outro(s), seus companheiros de geração, de quem, no mais das vezes, procurou demarcar distâncias. Disso decorre a compreensão de *TM* como autobiografia *intelectual* – adjetivo que denota a circunscrição da narrativa de si à produção intelectual, o autor visto através de seus textos (Ricoeur, 1995: 11; Dosse, 2005: 401).

Faz-se nítida, portanto, desde suas intenções manifestas, a dimensão memorial em que *TM* está assentado. Sem paradoxo, Buarque de Holanda valia-se do recurso à memória para alimentar as expectativas e projeções do contexto da redemocratização, à qual se estendia seu legado. Senão, vejamos.

A CONSAGRAÇÃO EM VIDA DO HISTORIADOR

Se a rememoração é, por definição, um ato pessoal de elaboração do passado, ela não necessariamente se restringe à dimensão privada da existência individual: “dirige-se a grupos sociais portadores de uma memória, que preside as relações intersubjetivas e que é derivada das mesmas” (Silva, 2002: 429). De tal modo, os ritos sociais de comemoração da antologia já apontam o trabalho coletivo de construção de uma memória em torno de Buarque de Holanda.

O historiador, segundo o escritor Affonso Romano de Sant’Anna, esteve prestes a se entregar a um “necessário livro de memórias”. Era visto, afinal, como nada menos que “um documento e um monumento de nossa cultura” (Sant’Anna, 1980). O escritor considerava *TM* um “livro-documento”, em razão das críticas compiladas, e um “livro-depoimento”, dadas as memórias narradas pelo autor. Por esses motivos, o comentador clamava pelo desenvolvimento, da parte de Buarque de Holanda, de “uma espécie de biografia intelectual, em que através de suas ações e pensamentos se lesse o Brasil” (Sant’Anna, 1980).

Não passava despercebido, portanto, para ficarmos somente com este, entre outros comentários, o caráter autocelebrativo de *TM*, situado entre a escrita de si e, como veremos, nas comemorações pela premiação conquistada, a construção social da memória em torno do historiador, memória essa ligada às expectativas da redemocratização e sua cultura política. Importa assinalar que, selecionadas, as fontes que seguirão se encontram devidamente arquivadas no acervo pessoal de Buarque de Holanda, o que pressupõe uma construção simbólica (Silva, 2015).⁹

O jornal *Folha de S. Paulo*, apoiador do prêmio de “Intelectual do Ano”, promovido pela União Brasileira de Escritores (UBE), produziu material especial para apresentar o laureado daquele ano. Sugestivamente intitulado “Em dia com a vida e a história”, compreende um perfil múltiplo do historiador: “Sérgio Buarque de Holanda, escritor, poliglota, homem cordial e contemporâneo, ‘Intelectual do Ano’ – quem diria – tem medo da morte. Essa confissão soa

⁹ Sobre o prêmio Jabuti de “estudos literários” (1980) oferecido por *TM* pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), não há maiores vestígios entre seus papéis.

verdadeira, mas injustificável. Pessoas como Sérgio Buarque de Holanda, afinal, não morrem” (Holanda, 1980a). Disse o autor, a propósito do prêmio, que se acreditava apenas um “escritor adotivo”, outra vez em reforço ao desejável retrato de si: “Sou antes de tudo historiador. [...] Creio que minha obra mais conhecida permanece sendo ‘Raízes do Brasil’, que agora entra em sua 14ª edição no Brasil” (Holanda, 1980a).

Poucos meses depois, *O Escritor*, veículo da UBE, trouxe a reprodução do discurso de Buarque de Holanda quando da recepção do troféu, em julho de 1980. Para a UBE, o “troféu Juca Pato” de 1979 significava um “alerta contra a omissão”. O discurso do homenageado foi muito emblemático da dimensão política da premiação e, por extensão, da consagração de sua obra, que se identificava com a imagem do “intelectual engajado”. Sinais inequívocos desse aspecto são as memórias de outro tempo de lutas que o historiador convocou. Pela via da memória, o “eu” do autor se integrava ao “nós” da UBE e das lutas democráticas.

Estou pensando naquela memorável *Declaração de Princípios* que a Associação Brasileira de Escritores, ou seja, esta mesma UBE, nesta mesma cidade de São Paulo, formulou no seu 1º Congresso, reunido em 1945, por volta de 25 de janeiro, dia de São Paulo. Naquele momento não havia divergências: a declaração foi unanimemente aplaudida, como uma apoteose, pois exprimia o pensamento íntimo de todos. A ditadura tudo fizera por ver abafada a voz dos escritores do Brasil. O desafio lançado abateu porém todas as barreiras [...] (Holanda, 1980b: 4).

Esses valores, Buarque de Holanda os considerava ainda muito pertinentes. A evocação de tais memórias possuía razões práticas: “Hoje, quando vivemos dias muito semelhantes aos de 45, essas palavras [da ‘Declaração de Princípios’] recuperam todo o seu significado” (Holanda, 1980b: 4). O discurso indica uma estratégia de reforço, da parte do historiador, de seu compromisso para com a questão democrática. Um modo, portanto, de conferir profundidade temporal e coerência aos seus posicionamentos e engajamentos do presente, como vice-presidente do Centro Brasil Democrático (Cebrade), em 1978, e um dos intelectuais presentes à fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), em fevereiro de 1980.¹⁰

Carlos Guilherme Mota, ainda n’*O Escritor*, teve nova oportunidade de condenar o autor de *TM*. Procurou se opor ao “desfile de unanimidades” que o deixaram, segundo seu depoimento, deprimido durante as comemorações, tanto do octogésimo aniversário de Freyre, quanto de Buarque de Holanda, “Intelectual do Ano”. Mota disse que não se conheciam

¹⁰ Essa postura de Buarque de Holanda parece corresponder, no plano da memória social coetânea, a um notável processo de ajustamento às lutas democráticas que marcaram a conjuntura desde meados dos anos 1970 (Napolitano, 2014: 315; Reis, 2015: 245).

críticas recíprocas entre Buarque de Holanda e Freyre, mas *TM*, motivo primeiro da homenagem, trazia novamente à luz pelo menos três ensaios críticos sobre a obra de Freyre. Além disso, uma outra passagem, sobre o ambiente institucional em que conviveram, chamou atenção. Mota, desconsiderando a criação, em 1962, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), afirmou impetuosamente que Buarque de Holanda nada havia feito em benefício da Universidade de São Paulo (USP).

Quanto à passagem de Buarque pela USP, considero-a superficial. Viveu nela durante um dos períodos da História do Brasil mais favoráveis, quando poderia ter articulado uma das melhores equipes acadêmicas do País, à semelhança do professor Florestan Fernandes. [...] Ficamos sem um núcleo de estudos e pesquisas à altura do Instituto Torcuato de Telia, da Argentina, ou Colégio de México, ou École Pratique, da Sorbonne. Ficou-se, na USP, a se ver baleias... (Mota, 1980)

Coube a Antonio Candido, na edição seguinte, o tratamento de *TM*. Ele procurou, na direção oposta de Mota, justificar a boa escolha pela UBE para a destinação do tributo, que coroava toda uma trajetória intelectual. "Quem votou este ano em Sérgio Buarque de Holanda para o Juca Pato acertou em cheio, pois *consagrou um intelectual* que apresenta não apenas a eminência requerida, mas que possui também as qualidades humanas que o tornam modelar como inspiração para os outros" (Candido, 1980, grifo meu). Candido aconselhava a leitura de *TM* "na perspectiva da história das ideias", a fim de que se apreendessem as posições do autor nos campos político e social, desde as diversas facetas do seu trabalho intelectual: "Aqui ele aparece como crítico, pensador, erudito – compondo *a mais completa organização de historiador* que o Brasil conhece" (Candido, 1980, grifo meu). A palavra de Candido sintetiza e orienta, pois, o sentido da memória de Buarque de Holanda: acima de tudo, historiador, o mais sofisticado historiador que o Brasil produzira.

Um ano após receber o tributo, Buarque de Holanda voltava à sede da UBE, dessa vez para passar o troféu às mãos do jurista Dalmo Dallari. Na ocasião, retomou o discurso do ano anterior, respondendo a questões mal digeridas por alguns colegas.

Confesso de minha parte que, por uma espécie de saudosismo afetivo, tentei aquela assimilação de duas épocas díspares. Ou talvez por alguma ponta de vaidade pessoal, da qual nem sempre me julgo imunizado. [...] Ao evocar no ano passado alguns desses sucessos, tive plena consciência como historiador, que este afinal é meu ofício, das diferenças que separam o Estado Novo nascido em 1937 e que em 1945 entrou, senão em colapso, em hibernação, deste outro, o de 1964, sob o qual vamos tentando ir vivendo, sem embargo das intermitentes "aberturas" [...] Confesso, sem vergonha, que tenho medo do que o futuro ainda reserva para este país (Holanda, 1981).

Buarque de Holanda não via, portanto, motivos para um otimismo exaltado. O historiador vinha sendo requisitado pela imprensa, desde a fundação do Cebrade, como palavra autorizada nos assuntos políticos. Muitas vezes ele criticou a “fragilidade da abertura”, premeditada exatamente como forma de resistência à abertura efetiva do regime. Sobre o PT, porém, disse acompanhar “com muito interesse” a sua formação, pelo fato de que, em sua opinião, os trabalhadores ainda não tinham voz organizada no país. Fundamentava-se, invariavelmente, em sua visão histórica: “A participação popular no Brasil é muito pequena, sempre foi assim. [...] O que queremos é a ascensão popular, possibilidades para todos” (Jovanovic, 1980: 22).¹¹

Discutia-se, então, o papel dos intelectuais no novo partido (Secco, 2011: 29). Para o jornalista Samuel Wainer, estes poderiam contribuir com seus conhecimentos políticos e sociológicos, doutrinas e bases jurídicas, desde que se ajustassem “à realidade das condições sociais e culturais da classe trabalhadora do Brasil”, e não o contrário. A despeito de tais reservas, dizia: “Desperta emoção ver essa santa figura de homem que é Sérgio Buarque entre os primeiros signatários da ata de fundação do PT” (Wainer, 1980). Surpreende a ironia pouco fina com que Buarque de Holanda evoca, em outra ocasião, essa (auto)imagem.

O historiador apoia a tese de criação do Partido dos Trabalhadores e de imediato faz graça do jornalista Samuel Wainer, que o classificou de *santo*, por ter comparecido à reunião do PT, no Colégio Sion, em São Paulo: – Agora eu já espero a vinda do papa João Paulo II ao Brasil e vamos ver se ele confirma. Aí vamos ser o Anchieta e eu canonizados (Jovanovic, 1980: 22).

Não escapava à consciência do historiador, portanto, a perspectiva da consagração, expressa nesses documentos preservados em seu acervo pessoal. Monumento de nossa cultura, santo passível de canonização, mais completo historiador do Brasil – eis alguns dos epítetos que recebeu Buarque de Holanda da parte de alguns amigos e pares intelectuais somente nos seus dois últimos anos de vida.

ESCRITA DE SI E MEMÓRIA DISCIPLINAR

Alguns marcos da memória em torno de Buarque de Holanda, de cuja elaboração ele próprio participou, se fizeram, também por força de seus próximos, muito presentes em nossa historiografia. A partir das escritas de si, os dispositivos da memória disciplinar

¹¹ A experiência da formação de um partido genuinamente popular é um dos elementos recorrentes nos depoimentos de seus fundadores. Candido, na condição de “principal portador da memória dos intelectuais”, sublinha a novidade histórica encarnada em uma liderança operária (Ferreira; Fortes, 2008: 288).

consolidam retratos e cristalizam momentaneamente as relações de força que se disputam em determinado campo (Müller, 2005: 198). Para elaborar nos anos 1980 uma introdução biográfica de Buarque de Holanda, seu amigo Francisco de Assis Barbosa se servia de informações colhidas em *TM*, entre outros elementos. Na edição venezuelana de *Visão do Paraíso* (1987), que introduzia, disse Barbosa sobre o prefácio de *TM*: “*en verdad un esbozo de autobiografía intelectual*” (Barbosa, 1987: lxxv). Francisco Iglésias, em uma história da historiografia brasileira escrita nos anos 1980, mencionava *TM* como “exemplo superior e raro de crítica a obras historiográficas” (Iglésias, 2000: 192). Candido, em colóquio realizado em memória do amigo, asseverou que os artigos reunidos em *TM* exemplificavam “o mais alto nível atingido por Buarque de Holanda”, no justo momento em que este fora simultaneamente crítico e historiador, ou, dito de outro modo, historiador da literatura (Candido, 1992:115).

Essas passagens denotam como os perfis biográficos, ao lado de diversas homenagens póstumas e comemorações ao longo dos anos 1980 (Furtado, 2014; Silva, 2015; Carvalho, 2017), contribuíram para estabilizar a posição de Buarque de Holanda na memória disciplinar da historiografia brasileira. Será, conquanto, o texto de uma discípula direta, Maria Odila Dias, “Sérgio Buarque de Holanda, historiador” (1985), que nos dará melhor medida de tal ponto. Já se observou, inclusive, que esse é o texto fundador de uma das matrizes da fortuna crítica de Buarque de Holanda (Eugênio, 2011). A meu ver, sintoma notório do enlace entre escrita de si e memória da história é que a autora se refira a *TM* como elucidação autorizada da obra buarqueana. Como se autoexplicativo fosse, Odila Dias assegura, por exemplo, que “ele próprio [Buarque de Holanda] esclarece no ensaio *Tentativas de Mitologia*”, entre outras coisas, sua concepção de escrita da história (Dias, 1985: 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A recepção crítica, embora timidamente, esteve perto de considerar *TM* um livro entre memórias e autobiografia intelectual, no que procurei avançar, com amparo da noção de escrita de si, que compreende formas diversas de literatura do eu. Todavia, a singularidade de *TM* e, observada a diversidade do material reunido, a multiplicidade de questões que evoca merecem estudos pormenorizados.

Curiosamente, trata-se de uma lacuna na imensa fortuna crítica de Buarque de Holanda: *TM* é muitas vezes convocado a reforçar interpretações conhecidas, mais do que propriamente em si analisado. Nada obstante, não procuro satisfazer tal lacuna, mas tão somente compreender de *TM* os arcabouços, que não se podem desassociar do campo da memória.

Sobre a mesa de trabalho que pertencia ao historiador, como parte da *memorabilia* da “Coleção Sérgio Buarque de Holanda” (Unicamp), repousam, sobranceiramente despojados, os personagens Juca Pato e Jabuti, dos prêmios concedidos a propósito de *TM*. Com esse livro, retrocedendo aos “tempos originais”, como quis sugerir a epígrafe freudiana, Buarque de Holanda alinhavou o tecido de sua vida intelectual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Francisco de Assis. Formação de Sérgio Buarque de Holanda. In: HOLANDA, S. B. *Visión del Paraíso*. Caracas: Ayacucho, 1987, pp. ix-lxvi.

BARTHES, Roland. *Mythologies*. Paris: Seuil, 1957.

BRESCIANI, Maria Stella. *O charme da ciência e a sedução da objetividade*: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. São Paulo: Unesp, 2005.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965, pp. 129-165.

_____. As tentativas de mitologia de Sérgio Buarque de Holanda. *O Escritor*. v. 1, n. 6, out./nov., 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 160].

_____. Inéditos sobre literatura colonial (debate). In: 3^o. *Colóquio UERJ*: Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Imago, 1992, pp. 92-116.

CARVALHO, Raphael Guilherme de. *Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro*: escrita de si e memória (1969-1986). Tese (Doutorado em História) – PPGHIS/UFPR. Curitiba, 2017.

CHIANTARETTO, Jean-François. Écriture de soi. In: MESURE, S.; SAVIDAN, P. (Dir.) *Le dictionnaire des sciences humaines*. Paris: PUF, 2006, pp. 351-354.

COELHO, João Marcos. A democracia é difícil. Entrevista com Sérgio Buarque de Holanda. *Veja*, n. 386, 28 jan. 1976, p. 3-6.

DIAS, Maria Odila. Sérgio Buarque de Holanda, historiador. In: DIAS, M. O. (Org.) *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ática, 1985, pp. 7-64.

DOSSE, François. *Le pari biographique: écrire une vie*. Paris : Éditions La Découverte, 2005.

_____. L'écriture de soi: *Essais d'ego-histoire*. In: *Pierre Nora: homo historicus*. Paris: Perrin, 2011, pp. 389-396.

EUGÊNIO, João Kennedy. *Ritmo espontâneo*: organicismo em Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. Teresina: EdUFPI, 2011.

FALCON, Francisco. A identidade do historiador. *Estudos Históricos* (FGV), v. 9, n. 17, 1996, pp. 7-30.

FREUD, Sigmund. Autobiografia. In: *Obras Completas*, vol. 16. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2011, pp. 75-167.

FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

- FOUCAULT, Michel. L'écriture de soi [1983]. In: *Dits et écrits*, IV (1980-1988). Paris: Gallimard, 1994, p. 415-430.
- FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, M. (Org.) *História, memória, literatura*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003, pp. 355-374.
- FURTADO, André. Um luto permeado por lutas: a morte de Sérgio Buarque de Holanda e o combate ao regime autoritário (1982). *Tempos Históricos*, v. 18, p. 173-197, 2014.
- GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil, 1987.
- GOMES, Angela de Castro (Org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- _____. A experiência colonial e as raízes do pensamento social brasileiro: Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda. *Revista Portuguesa de História* (Coimbra). t. XLI, 2010, pp. 291-304.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- _____. Em dia com a vida e a história. *Folha de S. Paulo*, 12 mar. 1980a. s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 154]
- _____. Os dias de hoje lembram os de 45. *O Escritor*. São Paulo, v. 1, n.4, jun./jul. 1980b, p. 4 [Siarq – Fundo SBH, Pi 182].
- _____. Tenho medo do que o futuro ainda reserva para este país. *O Escritor*. v. 2, n. 10, jun. 1981, s. p. [Siarq, Fundo SBH, Vp 220].
- _____. Escravidão negra em São Paulo [Prefácio, 1977]. In: *O livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 288-302.
- _____. Elementos básicos da nacionalidade: o homem [1967]. In: EUGÊNIO, J. K.; MONTEIRO, P. M. (Orgs.) *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Ed. Unicamp; EdUERJ, 2008, pp. 617-637.
- _____. Sobre uma doença infantil da historiografia [1973]. In: *Escritos Coligidos*: livro II, 1950-1979. Org. Marcos Costa. São Paulo: Ed. Unesp; Perseu Abramo, 2011, pp. 419-434.
- IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- JEANNELLE, Jean-Louis. *Écrire ses mémoires au XX^e siècle*. Paris: Gallimard, 2008.
- JOVANOVIĆ, Aleksandar. No Brasil de 80, elitismo ainda predomina. Entrevista Sérgio Buarque. *Diário do Grande ABC*. Santo André, 13 abr. 1980, p. 22 [Siarq – Fundo SBH, Vp 218].
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escrita do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- MATA, Sérgio da. Tentativas de (des)mitologia : revolução conservadora em "Raízes do Brasil". *Revista Brasileira de História*, v. 36, n. 73, 2016, pp. 63-87.
- MÜLLER, Bertrand. L'opération historiographique chez Paul Ricœur ou le statut de l'histoire dans l'épistémologie. In: MÜLLER, Bertrand (Dir.) *L'histoire entre mémoire et épistémologie: autour de Paul Ricœur*. Lausanne: Payot, 2005, pp. 183-203.
- MONTAIGNE, Michel de. Au lecteur. In: *Les Essais*. Paris: Gallimard, 2009, p. 9.
- MONTEIRO, Pedro Meira. Sérgio Buarque de Holanda e as palavras: uma polêmica. *Lua Nova: revista de cultura e política*, n.48, dez. 1999, pp. 145-159.

- MOTA, Carlos Guilherme (Org.) 1822: Dimensões. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. *Ideologia da cultura brasileira* (1933-1974). São Paulo: Ática, 1977.
- _____. Os fazendeiros do ar [1977]. In: *História e contra-história: perfis e contrapontos*. São Paulo: Globo, 2010, pp. 31-39.
- _____. Uma visão ideológica. *O Escritor*. v. 1, n. 5, ago./set. 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Cp 349].
- NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- NICODEMO, Thiago. Subsídios para o estudo das relações intelectuais entre Sérgio Buarque de Holanda e Antonio Candido. In: CARVALHO, F. A.; EUGÊNIO, J. K. (Orgs.) *Interpretações do Brasil*. Rio de Janeiro: E-papers, 2014, pp. 465-486.
- NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- NORA, Pierre. *Historien Public*. Paris: Gallimard, 2011.
- PALLARES-BURKE, Maria Lucia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Unesp, 2005.
- POPKIN, Jeremy. *History, historians & autobiography*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.
- REIS FILHO, Daniel Araújo. Ditadura no Brasil entre história e memória. In: MOTTA, R. P. (Org.) *Ditaduras militares*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015, pp. 237-252.
- RICŒUR, Paul. *Temps et Récit*. Tome III: Le temps raconté. Paris: Seuil, 1985.
- _____. *Réflexion faite: autobiographie intellectuelle*. Paris: Esprit, 1995.
- _____. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de. Esclarecendo mitos. *Leia*. São Paulo, mar. 1980, s/p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 274].
- SECCO, Lincoln. *História do PT: 1978-2010*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. v. 22, n. 44, 2002, pp. 425-438.
- SILVA, Rafael Pereira da. *A morte do homem cordial: trajetória e memória na invenção de um personagem (Sérgio Buarque de Holanda, 1902-1982)*. Tese (Doutorado) – Unicamp, IFCH, 2015.
- STAROBINSKI, Jean. Peut-on définir l'essai? [1985] In: DUMONT, F. (Dir.) *Approches de l'essai*. Québec: Éditions Nota bene, 2003, pp. 165-182.
- WAINER, Samuel. Um impulso perigoso. *Folha de S. Paulo*, 21 fev. 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 152].
- WEGNER, Robert. Latas de leite em pó e garrafas de uísque: um modernista na universidade. In: EUGÊNIO, J. K.; MONTEIRO, P. M. (Orgs.) *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Editora da Unicamp; EdUERJ, 2008, pp. 481-501.